

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

PROJETO DE PESQUISA
Pós-Doutorado

**O empirismo transcendental como descoberta
das multiplicidades e atividade criadora do
pensamento na filosofia de Gilles Deleuze**

Candidato: Prof. Dr. Sandro Kobol Fornazari

Supervisora: Profa. Dra. Marilena de Souza Chauí

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Unidade: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH

Departamento: Departamento de Filosofia – DF

Especialidade: História da Filosofia Contemporânea

Título do Projeto de Pesquisa: “O empirismo transcendental como descoberta das multiplicidades e atividade criadora do pensamento na filosofia de Gilles Deleuze”

Integrante do Projeto Temático FAPESP “Ruptura e Continuidade: Investigações sobre a relação entre Natureza e História a partir de sua formulação pelo Grande Racionalismo Seiscentista”, sob coordenação da Profa. Dra. Marilena de Souza Chauí

1. Resumo

A pesquisa pretende investigar inicialmente em que medida a crítica de Gilles Deleuze à doutrina das faculdades de Immanuel Kant é importante para a construção do conceito de empirismo transcendental e para a nova imagem do pensamento que ele vislumbra. Tal crítica se insere numa crítica mais ampla ao modelo da reconhecimento e, em última instância, à tradição da filosofia da representação. Nessa nova imagem do pensamento, apontada por Deleuze, a diferença deve poder ser pensada em si mesma, fora das amarras impostas pelo primado da identidade, e de modo que o pensamento seja a expressão da potência afirmativa da vida. Liberado da soberania do idêntico na representação, o próprio homem passa a ocupar esse “lugar vazio” em que lhe seria possível novamente pensar, visto que o pensamento é conduzido por forças involuntárias, singularidades pré-subjetivas ou “máquinas desejanças”, ou seja, pelas diferenças intensivas do ser unívoco, que possuem o estatuto de princípio transcendental a partir do qual se geram as múltiplas faces da experiência. *Physis* e *noûs* são o resultado do processo mais profundo de afirmação da diferença a partir dos arranjos intensivos de potência no domínio do transcendental. O ser unívoco pode ser entendido, então, tanto como uma usina criadora de formas e matérias, quanto como produtora de sentido e de pensamento. A partir disso, investigar-se-á em que medida é o tempo histórico o devir das multiplicidades, em que o que importa observar é a origem intensiva das forças que são postas em jogo num dado acontecimento, em outras palavras, segundo a interpretação deleuziana de Nietzsche, jamais se pode encontrar o sentido de uma coisa (fenômeno humano ou da natureza) se não se sabe qual é a força que dela se apropria, a explora, a domina ou nela se exprime.

2. Introdução e justificativa

Muito já foi escrito sobre o modo como Gilles Deleuze lida com a história da filosofia e sobre o papel que desempenham suas primeiras obras monográficas para o desenvolvimento de suas criações filosóficas próprias.¹ Antes de publicar *Diferença e repetição*, em 1968, Deleuze havia escrito diversas resenhas e artigos, além dos livros sobre Hume (52 e 53), Nietzsche (62), Kant (63), Proust (64), Bergson (66) e Sacher-Masoch (67). Em nossa tese de doutoramento *O esplendor do ser: a composição da filosofia da diferença em Gilles Deleuze (1952-68)*, analisando alguns comentadores dessa relação de Deleuze com a história da filosofia, verificamos que existe um consenso de que, recusando o papel de historiador da filosofia, Deleuze faz filosofia, tomando como ponto de partida conceitos provenientes de outros filósofos, mas invariavelmente recriados ou realinhados em função de sua problemática filosófica, até o ponto de tornar indiscernível o que lhe pertence e o que pertence a outrem.

A partir disso, defendemos que *Diferença e repetição* não seria uma reorientação nos estudos deleuzianos, em que, liberado do peso da História da Filosofia, finalmente ele se dedicaria à elaboração de uma filosofia própria, mas sim o ponto de chegada e a coroação desse período anterior, na medida em que ali os conceitos de diferença e repetição se desprendem de seus sistemas originais e repercutem em novos arranjos, ou melhor, em engrenagens conceituais

¹ Cf., dentre outros, MACHADO, R. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990; ZOURABICHVILI, F. *Deleuze. Une philosophie de l'événement*. 2. ed. Paris: PUF, 1996; ALLIEZ, É. *Deleuz, filosofia virtual*. Tr. Heloisa B. S. Rocha. São paulo: Ed. 34, 1996; ORLANDI, L. B. L. Linhas de ação da diferença. In: ALLIEZ, É. (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000; HARDT, M. *Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia*. Tr. Sueli Cavendish. São Paulo: Ed. 34, 1996; ANTONIOLI, M. *Deleuze et l'histoire de la philosophie (ou de la philosophie comme science-fiction)*. Paris: Kimé, 1999.

da filosofia da diferença que Deleuze tratava de constituir.² Longe de ser um conjunto de comentários, sua primeira filosofia é uma busca de engrenagens e uma produção de intensidades novas ao liberar os conceitos das obras e impulsioná-los em direção a um fora, isto é, às multiplicidades intensivas que atravessam o filósofo e que permitem a Deleuze dizer algo em nome próprio, transformando seus afectos e experimentações numa filosofia da diferença.³

No que concerne a esta pesquisa, vinculada ao Projeto Temático “Ruptura e Continuidade: Investigações sobre a relação entre Natureza e História a partir de sua formulação pelo Grande Racionalismo Seiscentista”, trata-se inicialmente de compreender o estatuto da leitura deleuziana do sistema filosófico de Immanuel Kant, na medida em que ela é colocada num lugar à parte desde a primeira filosofia de Deleuze e constituir-se-á numa referência central para além desse período. Diferentemente de Hume, Espinosa, Bergson e Nietzsche, por exemplo, em que se tratava de encontrar aliados para opor-se à tradição racionalista, em particular aos dualismos e à dialética hegeliana, *A filosofia crítica de Kant*, de 1963, é descrito como um livro sobre um inimigo⁴, mas não, como mostra Antonioli, de um inimigo como Hegel, em que nada há a agenciar com Deleuze, em que o recurso ao negativo e à contradição são inconciliáveis com a ontologia afirmativa da filosofia da diferença.⁵ Kant é um inimigo

² Remontamos à introdução de nossa tese, “O devir-Deleuze” (FORNAZARI, S. K. *O esplendor do ser: a composição da filosofia da diferença em Gilles Deleuze (1952-69)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Tese de Doutorado).

³ Trata-se da compreensão da história da filosofia como uma *prática extratextual* (Cf. DELEUZE, G. *Pensamento nômade. A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006). Vale acrescentar que, refletindo retrospectivamente sobre sua produção, Deleuze considerava que somente a partir de *Diferença e repetição* fora capaz de realizar a história da filosofia nesse sentido. Evidentemente, discordamos dessa posição e procuramos demonstrar que uma prática extratextual está presente desde o início de sua obra, cf. FORNAZARI, S. K. *op. cit.*, pp. 15-9.

⁴ Cf. Carta a um crítico severo. *Conversações, 1972-1990*. Tr. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2. reimp., 1998, p. 14.

⁵ Cf. ANTONIOLI, M. *Deleuze et l'histoire de la philosophie (ou de la philosophie comme science-fiction)*. Paris: Kimé, 1999, p. 79.

respeitável, a quem Deleuze admira como criador de conceitos e cujas engrenagens é preciso conhecer. Esse conhecimento resultará numa recusa de diversos aspectos da filosofia crítica, aos quais pretendemos nos remontar a seguir.

Por ora, é preciso assentar que, como pretendemos demonstrar ao longo da pesquisa que propomos, a compreensão dessa recusa (devida à indicação dos limites empíricos a que Kant restringe a noção de transcendental, ao recurso kantiano a um acordo harmonioso das faculdades, à crítica ao sistema de analogias, que introduziria a transcendência no procedimento crítico, entre outros), é fundamental para a elucidação de proposições centrais da filosofia da diferença no que se refere à definição da Natureza e do Pensamento como força, potência e expressão.

Essa etapa inicial da pesquisa deverá inclusive propiciar a elaboração de um capítulo complementar de nossa tese de doutoramento, referida acima, que buscou compreender a ontologia afirmativa de *Diferença e repetição* a partir das engrenagens conceituais desenvolvidas desde o encontro de Deleuze com duas vertentes da filosofia: por um lado, a crítica ao primado da identidade e à filosofia da representação em Aristóteles, Hegel e Platão, por outro lado, a busca de aliados em Bergson, Hume, Proust e Nietzsche para pensar a diferença em si mesma e o ser em sua plena positividade. Apesar de ter sido recomendada para publicação pela banca na defesa da tese, entendemos que esse estudo sobre Kant deverá suprir uma lacuna e complementar a pesquisa sobre a composição da filosofia da diferença.

Não é numerosa a bibliografia que discute essa crítica da filosofia kantiana operada por Deleuze. Dentre as que tivemos acesso, a de maior fôlego é o livro de Alberto Gualandi, em que a filosofia deleuziana como um todo é apresentada a partir do embate com o sistema filosófico

de Kant e da superação da ontologia analógica que nele se esconde.⁶ Destacamos também a terceira e a quarta partes de *Deleuze e a filosofia*, de Roberto Machado, o capítulo V (“Poética kantiana”) do já citado *Deleuze et l’histoire de la philosophie*, de Manola Antonioli, a primeira parte de *Variations*, de Jean-Clet Martin e o artigo de Gérard Lebrun “O transcendental e sua imagem”.⁷

Tendo como referência os escritos supracitados, as três *Críticas* de Kant⁸, que são as obras privilegiadas na análise deleuziana do sistema kantiano, além dos textos do próprio Deleuze em que aparece o cerne dessa análise⁹, apresentaremos na seqüência, de maneira introdutória, as principais críticas deleuzianas, agrupadas em torno de três problemáticas de suma importância para a composição e os desenvolvimentos da filosofia da diferença:

I. O modelo da reconhecimento e a doutrina das faculdades

O modelo da reconhecimento supõe um exercício concordante de todas as faculdades. Segundo ele, os sentidos, a imaginação, a memória, o pensamento, embora possuam dados particulares aos quais se aplicam, apenas reconhecem um objeto quando ele é referido e visado

⁶ GUALANDI, A. *Deleuze*. Tr. Danielle O. Blanchard. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

⁷ MACHADO, R. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990; ANTONIOLI, M. *Deleuze et l’histoire de la philosophie (ou de la philosophie comme science-fiction)*. Paris: Kimé, 1999; MARTIN, J-C. *Variations*. La philosophie de Gilles Deleuze. Paris: Payot, 1993; LEBRUN, G. O transcendental e sua imagem. Tr. P. Nunes. In: ALLIEZ, É. (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

⁸ KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tr. M. P. dos Santos e A. F. Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 4. ed., 1997; *Crítica da razão prática*. Tr. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002; *Crítica da faculdade do juízo*. Tr. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2. ed., 2005.

⁹ Notadamente: DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 5. ed., 2005; A idéia de gênese na estética de Kant. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006; *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Ed. 70, 2000; *Diferença e repetição*. Tr. L. Orlandi e R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2. ed., 2006.

sob uma forma de identidade. O princípio subjetivo de colaboração das faculdades é propriamente o *sensu comum* e a forma de identidade do objeto exige, por sua vez, um fundamento na unidade do sujeito pensante. Tal como em Descartes, em Kant é a identidade do *eu penso* que funda o acordo das faculdades na forma do objeto qualquer suposto como o Mesmo.¹⁰ Mas as faculdades contribuem de forma diferente em cada caso: a imaginação, o entendimento e a razão colaboram para o conhecimento, mas é o entendimento que é a faculdade legisladora nesse domínio, assim como é a razão a faculdade que determina a pura forma da lei moral universal ou *sensu comum moral*, enquanto que existe um domínio do *sensu comum estético*, que abordaremos no próximo item, em que a imaginação e o entendimento se exercem cada qual por sua conta constituindo uma “pura harmonia subjetiva”, fornecendo um fundamento transcendente para os demais acordos.¹¹

Um dos aspectos principais da crítica deleuziana incidirá sobre o fato de que a recongnição como modelo transcendental é construída por Kant a partir de sínteses induzidas da apreensão empírica, de modo que Deleuze vai acusá-lo de decalcar as estruturas ditas transcendentais sobre os atos empíricos da consciência. Em outras palavras, segundo Kant, para que haja os conceitos *a priori* do entendimento (as categorias) reportados ao *eu penso* como condições igualmente *a priori* de toda experiência possível, é necessário supor, não apenas que um objeto qualquer somente possa ser pensado graças a tais conceitos, mas que exista primeiro

¹⁰ Cf. KANT, I. *Crítica da razão pura*. B 132 e segs.: “O *eu penso* deve poder acompanhar todas as minhas representações; se assim não fosse, algo se representaria em mim, que não poderia, de modo algum, ser pensado, que o mesmo é dizer, que a representação ou seria impossível ou pelo menos nada seria para mim. A representação que pode ser dada antes de qualquer pensamento chama-se *intuição*. Portanto, todo o diverso da intuição possui uma relação necessária ao *eu penso*, no mesmo sujeito em que esse diverso se encontra.”

¹¹ Cf. DELEUZE, G. *A filosofia crítica de Kant*, pp. 56-7.

uma síntese do diverso fornecida pela sensibilidade na sua receptividade originária que produz as representações do espaço e do tempo¹² e, em seguida, uma síntese da reprodução ou da imaginação como ligação no espírito das representações que devem obedecer uma regra constante de associação, sem o que a imaginação empírica permaneceria uma faculdade morta.¹³

¹⁴ Concebido por Kant em analogia com a vida psicológica, Deleuze acusa o modelo da reconhecimento de amparar-se na banalidade cotidiana, elevando a *doxa* ao nível racional e mantendo o senso comum como seu pressuposto implícito (o acordo harmonioso das faculdades), incapaz de romper com a imagem dogmática ou moral (ortodoxa) do pensamento que orienta a filosofia desde Platão.

Mas isso não é tudo. Diante da dificuldade de aplicar os conceitos puros às intuições empíricas, dada a heterogeneidade entre eles, Kant postula a existência de um terceiro termo homogêneo tanto às categorias quanto aos fenômenos: trata-se do esquema transcendental como

¹² Cf. KANT, I. *Op. cit.* A 99-100: “Mas este [o diverso], como tal, e como contido *numa representação*, nunca pode ser produzido sem a intervenção de uma síntese. Esta síntese da apreensão deve também ser praticada *a priori*, isto é, relativamente às representações que não são empíricas. Pois sem ela não poderíamos ter *a priori* nem as representações do espaço, nem as do tempo, porque estas apenas podem ser produzidas pela síntese do diverso que a sensibilidade fornece na sua receptividade originária.”

¹³ Cf. KANT, I. *Op. cit.* A 101: “Se o cinábrio fosse ora vermelho, ora preto, ora leve, ora pesado [...] a minha imaginação empírica nunca teria a ocasião de receber no pensamento, com a representação da cor vermelha, o cinábrio pesado [...]. Deve portanto haver qualquer coisa que torne possível esta reprodução dos fenômenos, servindo de princípio *a priori* a uma unidade sintética e necessária dos fenômenos.”

¹⁴ Cf. KANT, I. *Op. cit.* A 95-130. Deleuze afirma ainda que é para ocultar esse procedimento que Kant suprime esse texto na segunda edição, o que não impede que o método do decalque subsista. Cf. DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, p. 197. Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault, corroborando essa crítica, aponta para a figura paradoxal do duplo empírico-transcendental na medida em que “os conteúdos empíricos do conhecimento liberam, mas a partir de si, as condições que os tornam possíveis” (p. 444), ou seja, é partindo dos conteúdos empíricos, que são dados ao sujeito que conhece, que é possível para o homem em sua finitude trazer à luz as condições de tal conhecimento, descobrindo, assim, que há “uma *natureza* do conhecimento humano que lhe determina as formas e que pode, ao mesmo tempo, ser-lhe manifestada nos seus próprios conteúdos empíricos” (p. 440). Desse modo, o discurso moderno que se anuncia como uma analítica da finitude, afirma Foucault, não pôde constituir-se senão fazendo valer o empírico ao nível do transcendental. Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tr. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 8.ed., 1999, pp. 417-446.

produto da imaginação, ao mesmo tempo intelectual e sensível, possibilitando a mediação entre os termos heterogêneos, subsumindo os fenômenos nas categorias.¹⁵ Deleuze salienta que a noção de esquema explicaria como a sensibilidade se harmoniza com o entendimento através da imaginação, desde que pudesse assegurar a harmonia do próprio esquema com o conceito do entendimento, que resta inexplicado por Kant na *Crítica da razão pura*.¹⁶ Assim, Deleuze critica o esquematismo porque ele estabelece paradoxalmente uma harmonia apenas exterior entre intuição empírica e conceito puro na doutrina das faculdades; Kant teria renunciado, através dessa harmonia miraculosa, pelo menos até a *Crítica da faculdade do juízo*, à constituição de uma gênese transcendental e reduzido a “instância transcendental a um simples condicionamento” entre o conceito determinante e a intuição determinável, fazendo com que a diferença entre eles permanecesse exterior.¹⁷

Além disso, Deleuze ressalta, tomando como referência o procedimento genealógico de Nietzsche, que a crítica kantiana permaneceu respeitosa aos valores estabelecidos. Se a filosofia crítica se opõe ao dogmatismo e ao ceticismo é porque se arroga o papel de legisladora sobre os seus próprios limites, substituindo o conceito de erro pelo de ilusões interiores à própria razão. No entanto, o que legisla, como vimos, é sempre uma de nossas faculdades, desde que observemos seu bom uso e fixemos às demais faculdades uma tarefa conforme a esse bom uso, de modo que legislamos apenas na medida em que obedecemos ao entendimento ou à razão. A autonomia da vontade que se exerce no imperativo categórico tem esse sentido: somos ao mesmo tempo legisladores e súditos desde que seja a razão e apenas ela que nos ordene a agir

¹⁵ Cf. KANT, I. *Op. cit.* A 137-147; B 176-187. Trata-se do Capítulo I: “Do esquematismo dos conceitos puros do entendimento” da “Analítica dos princípios”.

¹⁶ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, p. 307.

¹⁷ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, p. 248. Cf. o capítulo “Gênese e intensidade” de MACHADO, R. *Op. cit.*, pp. 109-25.

de modo que a máxima de nossa vontade possa ser pensada como princípio de uma legislação universal. Mas assim não se põe em questão a quem obedecemos, quais as forças que se exprimem na faculdade da razão. Embora o princípio que ordena a obediência esteja dentro de nós, não cessamos de ser obedientes e respeitosos e, enquanto não formos capazes de cessar de obedecer, destruindo os valores antigos e criando novos valores, o bom uso das faculdades apenas coincidirá com os valores estabelecidos. Desse modo, “a verdadeira moral”, “o conhecimento verdadeiro”, “a verdadeira religião” permanecerão intocados pela crítica.¹⁸

II. A ontologia analógica

Vimos no item anterior que, no sistema transcendental kantiano, no interesse superior do conhecimento, cabe ao entendimento legislar, determinando à imaginação esquematizar os dados da intuição sensível segundo as categorias postas pelo próprio entendimento; nesse domínio, a razão tem apenas uma função simbólica e reguladora, integrando as séries empíricas causais. Mas esse acordo entre as faculdades permaneceria inexplicável se não se admitisse uma harmonia oculta entre as faculdades. Kant procuraria sair dessa dificuldade fornecendo, na *Crítica da faculdade do juízo*, um fundamento subjetivo para esse acordo objetivo das faculdades. Trata-se do “senso comum estético”, um acordo livre e indeterminado das faculdades, que para Deleuze tem a forma de uma gênese subjetiva ou gênese estética. O interesse despertado em nós pela Natureza é inspirado por um acordo contingente entre ela e nosso sentimento pelo belo. Análoga a essa harmonia entre a Natureza e nossas faculdades, há uma harmonia contingente entre as nossas faculdades que se conjugam livremente para julgar

¹⁸ DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*, pp. 102-17.

esteticamente, de modo que a *unidade supra-sensível indeterminada* das faculdades faz derivar o livre acordo subjetivo das faculdades no interesse do belo (que, por sua vez, estará pressuposto quando o acordo das faculdades se achar determinado pelo entendimento no interesse especulativo e pela razão no interesse prático). Sem essa harmonia supra-sensível nenhuma outra harmonia seria possível.¹⁹

Além disso, sabemos que o entendimento legisla sobre os fenômenos, aplicando sobre os dados da intuição sensível as formas e estruturas *a priori* que garantem regularidade e permanência nas relações entre as sensações. Mas essa regularidade se aplica à forma da experiência possível e não sobre a matéria da experiência real. Logo, a regularidade da matéria não pode ser deduzida das estruturas *a priori* do sujeito transcendental, mas apenas postulada. Essa harmonia entre nossas faculdades de conhecimento e os fenômenos se dá de maneira contingente, não necessária; em última instância, em analogia com a unidade sistemática das Idéias da razão. Em outras palavras, para explicar o sistema harmonioso e ordenado da natureza em que a matéria dos fenômenos corresponda às Idéias da razão, Kant postula uma finalidade da natureza, analogamente à harmonia das Idéias da razão, que garante assim a realidade do conhecimento.²⁰

Comentando essas análises de Deleuze sobre a doutrina das faculdades em Kant, Gualandi indica que, na *Crítica da faculdade do juízo*, as Idéias da razão não têm um objeto

¹⁹ DELEUZE, G. *A filosofia crítica de Kant*, pp. 61-2 e p. 57: “O senso comum estético não completa os outros dois; *funda-os ou torna-os possíveis*. Jamais uma faculdade assumiria um papel legislador e determinante se, porventura, todas as faculdades juntas não fossem capazes desta harmonia subjetiva”. Cf. também DELEUZE, G. A idéia de gênese na estética de Kant. *A ilha deserta e outros textos*.

²⁰ DELEUZE, G. *A filosofia crítica de Kant*, pp. 27-8: “É, portanto, necessário, não apenas que os fenômenos do ponto de vista da forma estejam submetidos às categorias, mas ainda que os fenômenos do ponto de vista da matéria corresponda ou simbolizem com as Idéias da razão. Reintroduzem-se a este nível uma harmonia, uma finalidade.”

diretamente determinável, mas apenas são determináveis *por analogia* com os objetos da experiência, ou seja, elas são chamadas a intervir para explicar uma harmonia miraculosa *como se* houvesse uma finalidade supra-sensível. Por outro lado, é apenas por analogia com as Idéias da razão que se chega a um equilíbrio do sistema, dando conta da contingência presente no método transcendental. Com isso, em função da analogia, a doutrina das faculdades subverte o procedimento crítico, colocando a estética como mais profunda, na medida em que a natureza e a arte permitem-nos cultivar esse senso comum estético, preparando-nos para os “objetivos superiores da cultura que se realizam no domínio moral”. É justamente a partir dessa harmonia oculta que se revela com clareza a ontologia analógica e transcendente do sistema kantiano, em que a moral e a teologia preservam seu posto mais elevado.²¹

III. O tempo e a diferença transcendental

Segundo Deleuze, a introdução do tempo como estrutura *a priori* do sujeito cognoscente é o que torna possível que a determinação do *eu penso* incida sobre o indeterminado da receptividade da sensibilidade. O tempo é a forma do determinável sob a qual a existência indeterminada do eu passivo e receptivo é determinável pela consciência que tenho de mim mesmo enquanto puro pensamento. A diferença cessa de ser externa entre o pensamento e o ser e constitui-se como Diferença transcendental: apenas aparecendo no tempo a existência de um sujeito fenomênico pode ser determinada, pode dar conteúdo ao ser de que tenho consciência ao me pensar como puro pensamento.²² Em função disso, Deleuze poderá afirmar que Kant fez a

²¹ GUALANDI, A. *Op. cit.* pp. 37-44: “O fenômeno descobre então seu fundamento dentro do *númeno*, o acordo harmonioso das faculdades encontra sua fonte na unidade da *alma*, e o mundo parece como um decalque do entendimento de *Deus. O sistema da imanência flutua no meio da transcendência.*” (p. 44).

²² Cf. KANT, I. *Op. cit.* B 429: “Na consciência de mim mesmo, no simples pensamento, sou o *próprio ser*, mas deste ser ainda nada me é dado para o pensamento”. Cf. DELEUZE, G. *Diferença e repetição.* p. 132.

descoberta da Diferença: um eu passivo e receptivo que representa para si a atividade do pensamento, mas que não tem iniciativa sobre ela e a vive como um Outro nele:

De um extremo a outro, o *Eu* é como que atravessado por uma rachadura: ele é rachado pela forma pura e vazia do tempo. Sob esta forma, ele é o correlato do eu passivo aparecendo no tempo. Uma falha ou uma rachadura no *Eu*, uma passividade no eu, eis o que significa o tempo; e a correlação do eu passivo e do *Eu* rachado constitui a descoberta do transcendental ou o elemento da revolução copernicana.²³

Mas o que, então, Deleuze censura em Kant que, não obstante, acarreta uma revolução na filosofia ao descobrir o domínio do transcendental ao introduzir a forma pura do tempo no pensamento? Acontece que ele teria reintroduzido, com todas as implicações que abordamos anteriormente, uma nova forma de identidade, a da síntese ativa da imaginação, relegando ao eu passivo apenas uma receptividade, sem poder de síntese, exigindo para tanto um acordo harmonioso das faculdades que somente é possível pela reintrodução da transcendência na imanência.

O que se passa nesse caso é sintomático da impossibilidade de Kant de ultrapassar certas fronteiras que, não obstante, sua filosofia soube delimitar rigorosamente. A descoberta da diferença transcendental no *eu* rachado pela forma do tempo é traída pelo recurso a um esquematismo miraculoso. O projeto de uma crítica imanente da razão, em que os erros não viriam de fora (dos sentidos ou das paixões), mas de ilusões provenientes da própria razão, fracassa na medida em que ele a submete aos pressupostos do senso comum. Enfim, o recurso ao finalismo na Natureza para dar conta do acordo harmonioso das faculdades reintroduz a transcendência no âmago do procedimento crítico.

²³ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, p. 133.

As críticas que apresentamos acima, apesar de seu caráter sumário, devem servir para indicar a importância da filosofia kantiana para a composição da filosofia deleuziana da diferença. Deleuze procura apontar as insuficiências da filosofia crítica, na mesma medida em que sabe dar relevo a seus aspectos inovadores. Se *A filosofia crítica de Kant* mais o artigo “A idéia de gênese na estética de Kant”, ambos de 1963, procuram apreender o funcionamento do sistema kantiano, em *Diferença e repetição*, Deleuze irá ultrapassar os limites impostos por Kant à sua própria filosofia e constituir uma filosofia da diferença como um empirismo transcendental. Mais de vinte anos depois, Deleuze publicará ainda “Sobre quatro fórmulas poéticas que poderiam resumir a filosofia kantiana” (1986)²⁴ em que atualiza o legado kantiano construindo uma narrativa, que se pode designar fictícia, daquilo que poderia ter sido o empreendimento crítico.

Na seqüência, apenas indicaremos quais as possíveis contribuições que as recusas deleuzianas em relação ao sistema filosófico de Kant puderam trazer para sua concepção da Natureza e do Pensamento, que deverão ser analisadas ao longo da pesquisa.

Na medida em que o transcendental kantiano só pode dirigir-se às *generalidades* da experiência, isto é, as relações de causalidade, sucessão e permanência, a partir de seu condicionamento aos conceitos *a priori* do entendimento, Deleuze encontrará na noção de intensidade o princípio transcendental da filosofia da diferença capaz de dar conta da *singularidade* da experiência a partir de sua gênese. As intensidades são uma multiplicidade virtual em que coexistem as relações diferenciais e repartições de singularidades. É próprio do virtual se atualizar nos extensos e nas qualidades do mundo natural. Estando implicada no

²⁴ In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tr. Peter P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1. reimp., 2004.

virtual, aquém de todo extenso e de toda qualidade, é a intensidade quem determina a diferenciação do que se baralhava em profundidade, sendo portanto o princípio genético de toda experiência. Mas, somente no extenso e na qualidade, a diferença intensiva que os cria se anula, em outras palavras, a energia ou quantidade intensiva se torna uniforme e entra em repouso, permitindo a fixação de princípios empíricos e leis da natureza.

O empirismo transcendental deleuziano é a apreensão pelo pensamento desse mundo subterrâneo de diferenças intensivas, onde nenhuma qualidade e nenhum extenso se desenvolvem, onde não existe o idêntico, tampouco o semelhante, mas apenas diferenças de diferenças, quantidades intensivas que se comunicam, se desenvolvem para envolverem-se novamente, provocando outras disparidades, incansavelmente. Não é outro o sentido do eterno retorno: o que é o mesmo nele é o retornar, mas o que retorna é sempre o diferente, esse rearranjo de intensidades que fremem nas profundezas.²⁵

Assim, tendo como ponto de partida a conjugação dos conceitos de intensidade (diferença intensiva) e de virtual, que resultam no processo de atualização, Deleuze ultrapassa os limites postos pela filosofia crítica que se dirigia às generalidades de toda experiência possível. As singularidades da experiência real podem ser apreendidas a partir das forças que nela se expressam, as potências da diferença.

Entendemos que, com a formulação do empirismo transcendental, Deleuze fornece as diretrizes conceituais que lhe permitem definir o ser a partir de sua univocidade, a natureza desde uma expressão sempre renovada de potências intensivas transcendentais, isto é, como devir, e o pensamento como contra-efetuação desse devir em que ele surge, estrangido e

²⁵ Cf. FORNAZARI, S. K. *Op. cit.* p. 181.

forçado pela violência de um encontro com o fortuito do mundo.

3. Objetivos

1) Proceder a uma análise minuciosa do conjunto de escritos que compõem a leitura deleuziana da filosofia kantiana, de modo a indicar as apropriações conceituais que, ultrapassando os limites do sistema crítico, que o impede de ser em seu conjunto a revolução que prometia, servirá a Deleuze para a composição de sua filosofia da diferença, em que o empirismo transcendental se conjugará com uma compreensão do ser a partir da imanência plena e do eterno retorno da diferença.

2) Investigar em que medida os conceitos deleuzianos de empirismo transcendental, ser unívoco, diferença intensiva como princípio transcendental e eterno retorno da diferença, superando os limites da filosofia crítica de Kant, permitem a constituição de uma ontologia afirmativa em que a Natureza é compreendida a partir das noções de força, potência e expressão, portanto, como um devir que inelutavelmente recria suas configurações.

3) Analisar o processo de gênese do Pensamento tal como ele é, segundo a filosofia deleuziana, conduzido por essas forças involuntárias, singularidades pré-subjetivas ou máquinas desejanças que povoam o plano de imanência do ser unívoco, indicando de que maneira é possível contra-efetuar o devir histórico de modo a produzir sentido, tal como subentende o conceito de Acontecimento, impulsionando o Pensamento a ultrapassar a finitude histórica e produzir o absolutamente novo, esclarecendo a relação entre Natureza e História no interior da filosofia da diferença de Deleuze.

4. Plano de trabalho e cronograma de sua execução

Primeira etapa: os dois primeiros semestres da pesquisa consistirão em uma análise dos escritos de Deleuze sobre Kant e, a partir deles, da elaboração conceitual em torno do empirismo transcendental: a diferença intensiva como princípio transcendental imanente, o ser unívoco plenamente afirmativo, a repetição como retorno da diferença e a nova imagem do pensamento ou do pensamento sem imagem em contraponto à filosofia da representação, acompanhada da revisão bibliográfica dos estudos disponíveis sobre os referidos temas, conforme indicados no item 2. Introdução e justificativa.

Segunda etapa: o terceiro semestre da pesquisa consistirá em uma pesquisa de campo na França, coletando material bibliográfico indisponível no Brasil, participando de eventos e seminários sobre temas relativos à pesquisa, de modo a captar inclusive as virtualidades das reflexões em curso nas universidades francesas que têm Deleuze como ponto de partida, além de estabelecer interlocuções com pesquisadores da filosofia deleuziana, renomados ou não, com vistas a futuras parcerias.

Terceira etapa: o quarto semestre será dedicado à finalização dos textos resultantes da pesquisa, articulando as discussões precedentes com a temática da relação entre a Natureza e a História a partir de sua formulação pela Filosofia Moderna.

5. Métodos e forma de análise dos resultados

Análise das fontes primárias da pesquisa, que comporta os escritos de Deleuze sobre Kant, com ênfase para sua articulação, ao mesmo tempo crítica e construtiva, com o arcabouço conceitual da filosofia da diferença presente em *Diferença e repetição*, além dos escritos que aprofundam a reflexão deleuziana, a partir de *Lógica do sentido*, sobre a compreensão da

Natureza como força, potência e expressão e do Pensamento como contra-efetuação e criação do novo, desembocando em *O que é a filosofia?* Deverá contribuir para esse estudo a participação nas reuniões de trabalho previstas para o Projeto Temático e nos eventos promovidos pelo mesmo.

Análise das fontes secundárias indicadas ao longo deste projeto, além daquelas que serão coletas em pesquisa de campo na França, de modo a confrontar as conclusões a que chegarmos com a análise das fontes primárias, elencando assim as vertentes interpretativas que estão se constituindo em torno da obra deleuziana, que deverá permitir um posicionamento de nossa reflexão em relação a elas, no que diz respeito aos temas a que a pesquisa se dirige. Essa tarefa deverá ser enriquecida com a participação em eventos, seminários e cursos na França, que poderão dar um panorama da pesquisa ainda em curso e de suas virtualidade no país natal de Deleuze.

Após essa dupla análise, teremos elementos para verificar nossa hipótese inicial que consiste em afirmar que é a partir do empirismo transcendental, numa apropriação filosófica de Kant que supera seus limites, que Deleuze poderá apreender o ser em sua univocidade, a natureza como expressão das diferenças intensivas transcendentais e o pensamento como contra-efetuação do devir histórico e criação do novo, constituindo assim, desde a imanência absoluta, sua filosofia da diferença.

6. Referências bibliográficas

6.1. Obras de Gilles Deleuze

1. *Bergsonismo*. Tr. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
2. *Conversações, 1972-1990*. Tr. Peter P. Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
3. *Crítica e clínica*. Tr. Peter P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997
4. *David Hume, sa vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie* (com André CRESSON). Paris: PUF, 1952.
5. *Diálogos* (com Claire PARNET). Tr. Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
6. *Différence et répétition*. 10 ed. Paris: PUF, 2000.
7. *Diferença e repetição*. Tr. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
8. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tr. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 2. ed. 2000.
9. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tr. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.
10. *Espinosa: filosofia prática*. Tr. Daniel Lins; Fabien Pascal Lins. São Paulo, Escuta, 2002.
11. *A filosofia crítica de Kant*. Tr. Germiniano Franco. Lisboa: Ed. 70, 2000.
12. *Foucault*. 4. reimp. Tr. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1998.
13. *Henri Bergson: memoria y vida*. Textos escogidos por Gilles Deleuze. 1. reimp. Tr. Mauro Armiño. Madrid: Alianza, 1987.
14. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
15. *L'immanence: une vie...* In: *Philosophie*, n. 47, Paris: set. 1995.
16. *Lógica do sentido*. 4. ed. Tr. Luiz R. Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.
17. *Nietzsche*. Tr. Alberto Campos. Lisboa: Ed. 70, 1981.
18. *Nietzsche et la philosophie*. 5. ed. Paris: PUF, 2005.
19. *Présentation de Sacher-Masoch*. Paris: Minuit, 1967.
20. *Proust e os signos*. Tr. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. Incluindo a 4. ed. atualizada, de 1976.
21. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.

6.2. Com Félix Guattari

1. *L'anti-Oedipe*. Capitalisme et Schizophrénie. Paris: Minuit, 2002.
2. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. 2. reimp. Tr. Aurélio Guerra Neto; Célia P. Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2000.
3. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 2. 1. reimp. Tr. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.
4. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 3. 1. reimp. Tr. Aurélio Guerra Neto *et al.* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

5. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 4. 1. reimp. Tr. Suely Rolnik. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2002.

6. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. 1. reimp. Tr. Peter P. Pelbart; Janice Caiafa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2002.

7. *O que é a filosofia?* 2. ed. Tr. Bento Prado Jr.; Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.

6.3. Demais obras

1. ALLIEZ, Éric. *Deleuze, filosofia virtual*. Tr. Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996.

2. _____. (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

3. ANTONIOLI, M. *Deleuze et l'histoire de la philosophie (ou de la philosophie comme science-fiction)*. Paris: Kimé, 1999.

4. BADIOU, Alain. *Deleuze: o clamor do ser*. Tr. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

5. BERGEN, Véronique. *L'ontologie de Gilles Deleuze*. Paris: L'Harmattan, 2001.

6. CRAIA, Eladio C. P. *A problemática ontológica em Gilles Deleuze*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

7. DESCARTES, René. *Meditações*. Tr. J. Guinsburg; Bento Prado Jr. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Os pensadores).

8. FORNAZARI, S. K. *O esplendor do ser: a composição da filosofia da diferença em Gilles Deleuze (1952-69)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Tese de Doutorado.

9. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tr. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 8.ed., 1999

10. GILLES DELEUZE. Paris: Vrin, 1998. *Annales de l'Institut de Philosophie de l'Université de Bruxelles*.

11. GODDARD, Jean-Christophe. *Commentaires du § 16 de la Critique de la raison pure*. Fichte, Deleuze et Kant. MIMEO.

12. GUALANDI, Alberto. *Deleuze*. Tr. Danielle O. Blanchard. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

13. HARDT, Michael. *Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia*. Tr. Sueli Cavendish. São Paulo: Ed. 34, 1996.

14. HYPOLITE, Jean. *Logique et existence*. Essai sur la Logique de Hegel. Paris: PUF, 1953.

15. KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tr. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2. ed., 2005.

16. _____. *Crítica da razão prática*. Tr. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

17. _____. *Crítica da razão pura*. Tr. M. P. dos Santos e A. F. Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 4. ed., 1997

18. LEBRUN, Gérard. *La patience du concept*. Essai sur le Discours hégélien. Paris: Gallimard, 1972.

19. LINS, Daniel. *Juízo e verdade em Deleuze*. Tr. Fabien P. Lins. São Paulo: Annablume, 2004.

20. MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

21. MARTIN, Jean-Clet. *Variations*. La philosophie de Gilles Deleuze. Paris: Payot, 1993.
22. MENGUE, Philippe. *Gilles Deleuze ou le système du multiple*. Paris: Kimé, 1994.
23. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. 1. reimp. Tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
24. _____. *Assim falava Zaratustra*. 7. ed. Tr. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
25. _____. *Ecce homo*. Como alguém se torna o que é. Tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
26. _____. *Genealogia da moral*. 4. reimp. Tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
27. PELBART, Peter P. *O tempo não-reconciliado*. Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 1998.
28. PRADO Jr., Bento. *Presença e campo transcendental*. São Paulo: EDUSP, 1988.
29. SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego*. Tr. P. Alves. Lisboa : Colibri, 1994.
30. SAUVAGNARGUES, Anne. Nietzsche et Deleuze: capture de forces et critique clinique. Mimeo.
31. SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença*. Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.
32. SCHRIFT, Alan D. *Nietzsche's French legacy*. A genealogy of poststructuralism. New York: Routledge, 1995.
33. _____. Spinoza, Nietzsche, Deleuze: an other discourse of desire. In: SILVERMAN, Hugh J. (ed.) *Philosophy and desire*. New York: Routledge, 2000.
34. SIBERTIN-BLANC, Guillaume. *Politique et clinique*. Recherche sur la philosophie pratique de Gilles Deleuze. Lille: Université Charles de Gaulle Lille 3, 2006. Tese de doutorado.
35. SILVA, Cíntia Vieira da. *Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Tese de doutorado.
36. *Aux sources de la pensée de Gilles Deleuze 1*. Sous la direction de Stéfán Leclercq. Paris: Sils Maria, 2005.
37. ZOURABICHVILI, François. *Deleuze*. Une philosophie de l'événement. 2. ed. Paris: PUF, 1996.
38. _____. *O vocabulário de Deleuze*. Tr. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.